

A photograph of a man with short brown hair and a mustache, wearing a yellow and white plaid shirt, sitting at a wooden desk. He is smiling at the camera. In front of him, two young children are sitting at a smaller orange desk, focused on their work. The boy on the left has blonde hair and is wearing a striped shirt. The girl on the right has blonde hair and is wearing a white tank top. They are both holding markers and looking down at their papers. A pink pencil case with a cartoon character is on the desk in front of the girl. The background features a textured stone wall with a white arched niche containing a small statue. To the left, there is a stack of books on a small table. The overall atmosphere is warm and educational.

**TRÊS GERAÇÕES NA**  
"SALA DE AULA" EM  
CASA, COLETTE (A MÃE)  
ENSINOU OS CINCO  
FILHOS (NA FOTO, À  
DIREITA) DURANTE 10  
ANOS. CADA UM TINHA A  
SUA ESCRIVANINHA E A  
SINETA MARCAVA O  
INÍCIO DA AULA. TODOS  
SE LICENCIARAM. HOJE,  
OS NETOS VÃO À ESCOLA

PALAVRA  
ENSINO DOMÉSTICO

# Quando a sala de aulas é em casa



E se pudesse ser o professor do seu filho, ensinando-o segundo os seus valores e a sua noção de família? E se fossem eles a pedir-lho? Quando os filhos têm a escola em casa. TEXTO DE

KATYA DELIMBEUF FOTOGRAFIAS DE JORGE SIMÃO

A s 8h30 da manhã, a sineira tocava na espaçosa quinta dos Simonet, em Setúbal. Era a chamada de Colette, a mãe, para a aula e para as carteiras que os cinco filhos iriam ocupar nas próximas horas. Não faltava o quadro branco da professora — que, no caso, acumulava com o papel materno — nem os intervalos para o recreio, na extensa propriedade de campo. “A aula decorria então até às 10h, seguiam-se 15 minutos de recreio, e depois retomava-se até às 12h. A seguir ao almoço, continuávamos das 14h às 16h”, conta Colette. Findo o dia de escola, “cada um ia para as suas atividades: as meninas para a dança, e os rapazes para o desporto — vela ou ginástica”.

“Sempre fizemos muito desporto, desde cedo, e isso dava-nos a parte social”, conta Stéphane, o filho mais velho, hoje com 38 anos e dois filhos. “A casa era grande, estava sempre aberta a visitas, havia sempre muita gente...”, completa a mãe. Com tanto espaço e ar livre para correr e brincar, foram os filhos os primeiros a pedir a Colette, professora primária, que os ensinasse em casa. Na verdade, era muito mais apelativo do que acordar às 6h da manhã todos os dias para enfrentar o trânsito ou os transportes públicos até Lisboa, recorda Stéphane, o primogénito desta família belga que vive há quase 40 anos em Portugal.

Não foi levemente que Colette Simonet, hoje com 66 anos, tomou a decisão de dar aulas aos filhos em casa. Na altura, pediu conselho ao reitor do Liceu Francês, onde ensinou na primária. O diretor deu razão aos filhos. Ela pensou durante três meses, falou com cada rebento individualmente e... lançou-se. Durante dez anos, ensinou os cinco filhos — Stéphane, então com 9 anos, Catherine, de 8, Benoit, de 7, Marie Pierre, de 6, e Bernard, de 4 — até achar que era tempo de ingressarem na escola, no 10º ano.

“Tive amigas que me chamaram de maluca”, conta Colette. “Achavam que ia fazer dos seus filhos uns selvagens, a-sociais...” Mas, na verdade, todos ficaram com boas recordações daqueles anos e bem impressionados com o sistema de ensino à distância. “Comprava os cadernos escolares, para o nível de cada um, no fim de cada semana eles preenchem as fichas — que eram uma espécie de testes — e enviávamo-las por correio. Duas semanas depois, recebíamos as fichas corrigidas e com as classificações”, explica ela, que reportava ao CNED francês (Centre National

## Ensino doméstico em Portugal e no mundo

**No nosso país**, o “ensino doméstico” ou domiciliar é “aquele que é lecionado, no domicílio do aluno, por um familiar ou por pessoa que com ele habite”. A legislação portuguesa (Lei 9/79) consagra a figura dos pais como os principais responsáveis pela educação dos filhos, e prevê três modalidades educativas: pública, privada, e em família (Decreto-Lei n.º 553/80). Os pais que optarem por esta última via têm de o comunicar às autoridades escolares da sua área de residência e prestar provas de avaliação aos 4, 6 e 9 anos.

No estrangeiro, na maioria dos países ocidentais, o *homeschooling* é permitido e absolutamente legal. Nos EUA, em 2007, quase 3% da população em idade escolar — 1,5 milhões de crianças entre os 5 e os 17 anos — recebia aulas em casa. É um dos países com maior adesão, a par do Reino Unido, onde a estimativa aponta para 50 mil *homeschooler*se da Austrália — os números apontam para 35 mil a 55 mil alunos, segundo o “Worldwide Guide to Homeschooling”, de Brian Ray. Japão, França, África do Sul e México são países onde a tendência também é de crescimento. As exceções são o Brasil, onde o ensino doméstico é ilegal e os pais podem ser processados por “abandono intelectual”, e a Alemanha, onde há muitas elevadas, remoção da custódia dos filhos e até pena de prisão para os pais que não optarem pelo ensino oficial. A cantora Erikah Badu é uma das personalidades que ensinou o filho em casa: até ao fim da primeira classe, ela quis “dar uma atenção especial à sua educação e vantagem a nível académico”, conta.

d’Education à Distance). “Achei o sistema de ensino doméstico muito são”, declara. “Transmiti os valores essenciais, de acordo com a família, os miúdos podem aprender ao seu próprio ritmo, de forma muito mais livre...”

Como incentivo para os filhos terem boas notas, Colette adotou um sistema simples, que funcionava muito bem: “Eu não dava semanada, por isso fiz com que isso dependesse das notas: 20 valores, 19 e 18 dava direito a 20 escudos; de 14 a 16 eram 15 escudos; 12 e 13 equivaliam a 10 escudos; 10 não dava direito a nada; e se tinham negativas, eram eles que tinham que dar dinheiro”, explica. E como era a separação entre o papel de mãe e o de professora? Colette assegura que distinguiu sempre os dois universos, e que respeitou muito os filhos. “O que não significa que não fosse muito exigente”, considera. “Em casa, fomos mais protegidos”, admite Stéphane, que fixou a primeira vez que prestou provas ao Liceu Francês e viu uma sala cheia de alunos, com vigilantes... “E não havia competição”, completa. E conta como, dessa vez, indicou à professora o aluno que se estava a portar mal, num comportamento típico de quem não conhece as regras fora da esfera familiar.

Quando foi para a escola oficial, aos 16 anos, Stéphane sentiu dificuldades com a língua portuguesa, que nunca tinha estudado, e aprendeu rapidamente que o professor não esperava que ele tivesse acabado de passar tudo para o caderno para apagar o quadro. Mas, na faculdade, nenhum dos irmãos teve dificuldade em licenciar-se. Stéphane, por exemplo, tirou o curso de Engenharia Informática.

Sobre o ensino doméstico, o atual professor considera que a maior vantagem é “a gestão do seu tempo” que as crianças podem fazer, além de aprenderem ao seu ritmo. Garante não ter sentido falta dos grupos de amigos ou das namoradas na adolescência, pois tinha isso fora da escola. Quanto aos seus próprios filhos, nunca equacionou dar-lhes aulas, pois tanto ele como a mulher trabalham e não têm disponibilidade para estar em casa. No entanto, se decidissem empreender a tal volta ao mundo de barco com que já sonharam, não põem de parte a ideia. Como viram, na juventude, tantas famílias que passavam no porto de Setúbal fazer...

**Flexibilidade e atenção** Em casa de Lara Dias, um apartamento em Santo António dos Cavaleiros, na periferia de Lisboa, não há sineta a marcar o início das aulas. Tudo é mais flexível. Há três anos a ensinar a filha, Catarina, Lara já experimentou dar aulas de manhã



**ESCOLA EM CASA** HÁ TRÊS ANOS QUE LARA SILVA, TRADUTORA, É PROFESSORA DA FILHA, CATARINA, DE 8 ANOS. NÃO SABIA SE IRIA SER BOA NA TAREFA. MAS ARRISCOU. HOJE, PÔE A HIPÓTESE DE ENSINAR A FILHA ATÉ AO 12º ANO

como de tarde, um pouco consoante a sua disponibilidade. Tradutora, de 40 anos, iniciou a “escola” a 6 de setembro, ao mesmo tempo que os outros meninos, para que os calendários sejam o mais coincidente possível. Para a irrequieta Catarina, de 8 anos, será o regresso a uma rotina que já conhece — e que adora, segundo diz, ao contrário da experiência do infantil, onde andou dos 3 aos 6 anos. Foi, aliás, ela própria que sugeriu aos pais que a ensinassem em casa... Lara explica os motivos que a levaram a optar pelo ensino doméstico: “A razão-base é que acho que devem ser os pais a educar os filhos. Por outro lado, acredito que os miúdos passam demasiado tempo na escola, e não vejo que isso traga grandes vantagens... Também não me parece que haja uma qualidade de ensino por aí além... Vejo professores a faltar, miúdos a ficarem pendurados...”

Lara leu muito sobre ensino doméstico no estrangeiro. “Contactei até algumas famílias norte-americanas. Pensei muito. E decidi experimentar. O meu marido também tinha reticências, inicialmente, por causa da socialização. Mas eu acho que esse é um falso problema, porque a Catarina está em contacto com outras crianças e adultos, tem atividades extracurriculares... Vejo miúdos na escola com muitos mais problemas de socialização do que a minha filha. É claro que essa questão me preocupou. Mas nunca lhe notei problemas a esse nível.” Matriculou a filha na escola em regime de ensino doméstico, escreveu uma carta a explicar as suas motivações, e pediram-lhe uma prova das habilitações literárias. No fim de cada período, a mãe entrega a avaliação da filha na escola — as fichas que ela vai fazendo —, mas só no final do 4º ano Catarina fará um exame a aferir as suas capacidades.

Quando estudam de manhã, começam às 9h e prolongam até às 12h, 13h. Se for à tarde, começam às 14h30, até às 16h30, 17h. “Como a atenção é toda para ela, não sinto necessidade de lhe dar tantas horas como os outros miúdos”, explica a mãe. “Pelo meio, passeamos, vamos à biblioteca, ao parque, fazemos atividades — a Catarina tem ténis duas vezes por semana e dança uma vez.” No primeiro ano, a filha teve mais dificuldade em vê-la como professora, admite Lara, que às vezes tem de se “controlar um pouco”, se Catarina não percebe logo. Acha que não é mais exigente do que uma professora seria. “Mas dou-lhe mais atenção.”

Não sabia se iria ser boa no papel de mestra, mas foi um risco que correu. “Até porque, se eles não aprendem, apontam-nos lo-

## 4 perguntas ao especialista

José Morgado é psicólogo educacional no ISPA (Instituto Superior de Pedagogia Aplicada), em Lisboa

### 1. Qual a sua opinião sobre o ensino doméstico?

Não sou fundamentalista. Acho que é preciso ver caso o caso, embora prefira sempre que as crianças sejam educadas em contexto social. Considero que é preciso ter algumas cautelas, nomeadamente, para os miúdos não ficarem dentro de uma redoma. Não se deve sobreproteger as crianças de modo a retirá-las dos contextos reais.

### 2. Quais as suas maiores reservas?

Um miúdo que só é educado em casa pode ver em risco a sua identidade social, e não ficar tão bem preparado para a vida como as outras crianças. Até aos 10 anos, a questão é menos premente, mas a partir daí tenho muitas reservas, porque há ligações sociais que não se testam. A adolescência, por exemplo, é um momento de construção da identidade e esta passa muito pelo contacto com os pares, com os grupos de pertença. É nessa construção que se joga a identidade...

### 3. Considera que as competências pedagógicas dos pais deviam ser testadas?

Deviam existir serviços de regulação e fiscalização, claro. O problema é que o que é testado é se os filhos aprenderam e não se os pais sabem ensinar...

### 4. E quanto à separação dos papéis de pai e professor?

Eu não misturaria a função de pai e a de professor. Os miúdos precisam de clareza nos papéis e o domínio do conhecimento é diferente de pai. Por algum motivo a maioria dos professores não quer ter os filhos na sua turma...

go o dedo: se é mau aluno, é porque está em casa... Pode ser mais ingrato, mas também é mais compensador”, partilha. “Quando a Catarina começou a ler, aos 7 anos, senti muito orgulho”, diz, embora também admita já ter sentido alguns problemas com a matemática. “Nessa altura, recorro a outras pessoas.”

Em três anos, Lara não teve qualquer tipo de fiscalização ou visita da escola ou de entidades do Ministério da Educação ou da Segurança Social. No entanto, conhece famílias em ensino doméstico “que têm a Segurança Social em cima delas por desconfiarem que não educam os filhos...”, diz. Existiam, em 2009, cerca de uma centena de crianças no sistema de ensino doméstico em Portugal, segundo dados do Ministério da Educação, incluindo as que frequentam regimes alternativos de ensino. “Há muita gente que tem medo que este tipo de ensino acabe no nosso país”, partilha. Lara considera que há muita ignorância. Conta como teve reações muito más, quer por parte da família quer de amigos, quando lhes disse que ia ensinar Catarina em casa. “Depois, as pessoas foram-se habituando à ideia. Hoje, há mais curiosidade que outra coisa. Mas a minha filha já ouviu comentários de adultos muito maldosos, do género: ‘Os teus pais são malucos, não sabem o que estão a fazer...’”

Este ano, pela primeira vez, Lara e Catarina conseguiram organizar aulas e atividades conjuntas com outros meninos em regime de ensino doméstico em Portugal — “há uma família australiana, outra americana, e outra portuguesa. Comunicamos através do fórum sobre *homeschooling* em Portugal” (<http://groups.yahoo.com/group/ensinodomestico/>), conta. Lara não sabe até quando vai permanecer no papel de professora, mas abre a possibilidade de o fazer até ao fim da escolaridade. E acredita que a filha poderá chegar tão bem preparada aos exames nacionais do 12º ano como os outros. Vai dizendo, no entanto, que quase não tem feito traduções desde que acumula o papel de professora com o de mãe.

E quanto aos outros aprendizados da escola, dos grupos de pertença aos primeiros namorados? Lara não considera que a filha não possa obter isso de outro modo. “Eu já tenho namorado”, atira Catarina, pispineta e divertida. “Conheci-o numa festa de anos, há um ano. É um primo mais velho, de 12 anos. Mas nem tenho o telefone dele, só nos vemos nos aniversários...” Pelo menos até agora, de Catarina se pode dizer que tem tanto de confiante como de precoce... ■

unica@expresso.imprensa.pt